

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha

Assignatura conjunta do Século, do Supplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa

Anno..... 4\$800

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Semestre..... 2\$400

Anno..... 8\$000 | Trimestre..... 2\$000

Trimestre..... 1\$200

Semestre..... 4\$000 | Mez (em Lisboa)..... 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 42



Summario

Capa: TRICANA DE COIMBRA ● Texto: O S. JOÃO DE COIMBRA, 15 illustr. ● VIDA COLONIAL, 3 illustr.
 ● A NOSSA TERRA, 10 illustr. ● O PERCURSO DO «RAID», 11 illustr. ● NO PAIZ DE ANGOLA: VIAGEM
 DE S. A. O PRINCIPE REAL, 7 illustr. ● SPORT NAUTICO: UMA FESTA DO REAL CLUB NAVAL, 7 illustr. ●
 MEMORIAS DO CHEFE JACOB, 5 illustr. ● VIDA MILITAR, 4 illustr. ● CONCURSO DA PRIMAVERA, 4 illustr.
 ● A ARTE BOYPCIA: UMA CONFERENCIA DO SR. CONDE DE PENHA GARCIA, 10 illustr. ● LA POR FORA, 9 illustr.

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. ❀ ❀ ❀ Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

NOUVEAU PARFUM
PRINCEIA VIOLET
29, B^{is} des Italiens, PARIS

Madame Brouillard



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physiionomista da Europa, Madame Brouillard.

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, phronologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theoras de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. ❀❀❀❀

Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete, 43, rua do Carmo, 43, sobre-loja. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 rs. e 4\$000 réis.

43, R. do Carmo, sobre-loja

VIVITZ
LT-PIVER
PARIS
Essence Savon Poudre et Riz
Lotion Sachets

Violet SABÃO REAL DE THRODACE
PARIS Sabão "V-loutine"
Aciona pillos medicos p^a Hygiene da Pele e Alivura do Escal.

Companhia do

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianita e Sobre-rinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermito (Louza), Valle Abator (Albergaria a Velha).

Papel do Prado

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51
Ender, telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO — PORTO — LISBOA Numero telephonico: 508



Seios

Desenvolvidos, reconstruidos, aformosados, fortificados com Pilulas Orientaes

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum a saude. Aprovado pelas notabilidades medicas.
J. Raté, Ph. 5, Passage Verdau, PARIS. Frasco com instruções, 1\$500 rs. Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C., 39, R. Augusta, LISBOA**

O S. JOÃO DE COIMBRA



O que vem a ser a noite de S. João * As novas e antigas fogueiras * O progresso; sempre o maldito progresso * A razão por que as canções são as mais lindas de Portugal * Os versos de João de Deus e Antonio Nobre * A tricana de Coimbra * Os poetas queridos das raparigas de Coimbra: Suedes Teixeira, Afonso Lopes Vieira e Augusto Gil * A tricana e o seu espirito critico * As fontes do Castanheiro e da Serica * Uma lenda de Amor *****



Graciosa e desempenada

*«O' fogueiras, ô cantigas
Saudades, recordações!
Bataes, bataes raparigas,
Batei, batei corações!»*

ANTONIO NOBRE.

*Toma lá colchetes d'ouro,
Aperia o teu coletinho;
Coração que é de nós ambos
Deve andar apertadinho.*

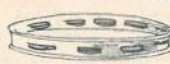
Do Povo.



João de Deus no tempo de Coimbra

ENTRE todas as festas populares que, de logarejo em logarejo, se realisam por este lindo Portugal fóra, nenhuma consegue egualar em toda a sua amorosa poesia esse alegre e festivo S. João de Coimbra, com as suas fogueiras e as suas danças de roda, em que a voz cantada docemente rithmica da tricana consegue traduzir, na mais perturbante melancholia, commovida, amorosa e terna, toda a viva sentimentalidade da alma portugueza.

Tudo se conjuga, em Coimbra, n'essa terra encantadora e lendaria, a formar o quadro maviosissimo e singular da paixão; idyllio e tragedia são n'ella tradicio-



nalmente irmãos gêmeos; Ignez de Castro e Maria Telles as santas d'esse amor divino e palpitante que con-

resvala, o divino corpo d'estas adoráveis mulheres!
Mulheres do prazer e do amôr,



Bella companhia apesar de serem treze

densa toda a vida no coração e a elle se sacrifica, como ao unigenito Deus Todo Poderoso, Senhor do Ceu e da Terra, são as padroeiras da cidade rainha da Emoção e da Belleza.

Nada se parece mais do que em Coimbra a Natureza e a Mulher. A paizagem não tem igual em doçura; parecem rezar os montes; os valles d'uma vegetação verde pallida vagamente oirescente teem tons veludineos de affago e no horisonte anda suspensa uma doce neblina de pranto evolando-se dos campos em mystica prece.

A mulher parece surgir da natureza; e tambem dulcissima e suave, e a sua voz, o seu gesto e o seu olhar são a tradução viva e harmoniosa da natureza. Ternas, meigas, melancolicas, todo o corpo equilibrando-se no vario coração, onde e quantas vezes elle



Porte modesto e olhos de sonho

quantas almas despertastes para a vida e quanto a vossa foi quebrantada e perdida n'esse resgate supremo da vossa paixão calorosa e quente!

A antiga fogueira tão bella pela sua simplicidade, apenas com os seus arcos de murta assentes sobre a terra, os tocadores ao centro, alumada pela discreta luz do azeite, foi substituida, na sua maior parte, por palanquins vistosos onde aqui ou alem por sobre festões de verdura apparece de quando em quando irritantemente a falsa luz do gaz.

Apezar d'isso, apesar dos seus pretenciosos innovamentos, vive ainda na fogueira uma grande parte da sua poesia.

E' que o ar elegiaco das mulheres, a harmoniosa doçura das suas vozes, feitas para o canto, a simplicidade uni-

ca no traje, o lenço, o aventalinho, a graça melancólica no airoso traçar dos chales, arrastam-nos irresistivelmente para as mais altas regiões do sonho.

A carinhosa, o trevo, o vira de Coimbra, A' janella do meu quarto, não ha dança do povo que as supplante na leveza das suas voltas, na cadencia amorosa dos seus passos, na graciosidade e na frescura.

Cantigas d'amôr ninguem as sabe mais lindas do que as raparigas de Coimbra.

Desde João de Deus, não ha poeta digno d'este nome que, na sua passagem por lá, não tenha deixado ficar, com um pouco de coração, alguns versos d'amor.

Assim os versos de João de Deus, como mais tarde os de Antonio Nobre, passaram de boca em boca, de geração em geração.

N'estes ultimos annos appareceram em Coimbra, em espirituosas edições de cordel, dois folhetos de cantigas que ficaram celebres.

O primeiro devido á iniciativa dos poetas Affonso Lopes Vieira e Augusto Gil, onde collaboraram tambem Guedes Teixeira, Teixeira de Paschoaes e Antonio Macieira; e o outro devido á iniciativa de Ladislau Patricio e de quem escreve estas linhas, admiravelmente collaborado por Carlos Amaro, João de Barros, João Lucio e João de Deus Ramos. Estes folhetos d'amôr serão mais tarde para aquelles que tiverem a felicidade de ouvir as suas cantigas na boca do povo um forte motivo de orgulho e para outros, quando mais não seja, ha de ser sempre um doce motivo de saudade.

Algumas d'ellas já não ha ninguem que as desconheça, e lá estão entre tantas outras a attental-o essas deliciosas quadras de Carlos Amaro e João Lucio:

*«Dizem que amar é morrer
E mesmo morte que fosse,
Se acaso amar é tão doce
Quem me dera a mim morrer.»*



Suaave e risonha



*Teixeira de Paschoaes
Fânsto Guedes*

Um arratal de S. João em Coimbra

*Augusto Gil
Affonso Lopes Vieira*

«Fecha as janellas do quarto
Quando le fores a deitar.
Que no quarto d'uma virgem
Nem o luar deve entrar.»

rapaz a esse tempo muito conhecido,
a quem se mettera em cabeça fazer
uma marcha para uma fogueira.

Os versos
começavam
se bem me
lembra:

«Eu quizera
ser o Dante»

Chegou a
noite de S.
João e qual
foi o espanto
de todos
quando ouvi-
ram as rapa-
rigas cantar:

«Eu quizera
ser o Dante»

O Dante,—
o Dantas!

O Dantas
Guimarães
era então um
lojista rico da
Calçada e lá
lhes pareceu

na sua doce ingenuidade
que devia ser engano do
poeta.

A tricana
de Coimbra,
essa estranha
mulher, toda
castidade na
sua impure-
za, musical
na falla e no
andar, tão ai-
rosa e fina,
que, n'uma
sala, nenhuma
mulher a
eguala na dis-
tincção fina-
mente aristo-
cratica, do-
nas de tão
lindas mãos
que parecem
fadadas para
o acariciamento de sédas
e brocados, a tricana de
Coimbra, elegiaca e triste,
marcada apenas nasce pa-
ra um mesmo fatidico des-
tino, tem na poesia como
no amor as suas artisticas
predilecções.

Só o que é simples e
bello as commove. Cantiga-
s, pretenciosamente litta-
rarias, se lh'as dão, nos
seus labios, morrem n'uma
noite.

Nunca mais pelo anno
adeante as fazem despertar,
nada as resuscitará,
se não fõrem gravadas em
sua alma; mas se a sua
simplicidade lhes toca o
coração nunca mais as es-
quecem.

A proposito acode-me á
imaginação aquelle caso
pittoresco passado, ha an-
nos, em Coimbra com um



Graças do Mondego—A musa do Hilario

Afonso Lopes Vieira,
Guedes Teixeira, Augusto
Gil e D. Thomaz de No-
ronha foram incontestavel-
mente, nas ultimas gera-
ções academicas, os poe-
tas queridos das rapa-
rigas de Coimbra.

Não ha ninguem em
Coimbra, em qualquer
canto da cidade, que não
vos conte alguma partida
espirituosa da vida alegre
e estouvada que por lá
levaram, como não ha
mulher alguma que não
tenha decorado e cante os
seus versos d'amor. Assim,
pela boca das tricanas,
para a dos estudantes, que



Cravos... e rosas

por sua vez as levaram ás noivas, par- tiram de longada, por este lindo paiz fóra, as mais bellas quadras d'amôr da lingua portugueza.

Quem não conhece, hoje, aquella quadra de Afonso Lopes Vieira, tão bella, tão sentida!

*«Esta palavra saudade
Aquelle que a inventou
A primeira vez que a disse
Com certeza que chorou.»*

Ou aquella outra de Guedes Teixeira tão docemente lyrica, tão repassada de sentimento:

*«Ouvi dizer ao luar
Com trinados na garganta
Quem canta seu mal espanta
E pus-me então a cantar.»*

Ou aquellas quadras de Augusto Gil, esplendidamente bellas:

*«Amas a Nosso Senhor
Que morreu por toda a gente
E a mim não me tens amôr
Que morro por ti somente.»*

*«Tens olhos contas escuras
São duas Avé-Marias
D'um roziario d'amarguras
Que eu rezo todos os dias.»*

A vespera de S. João é a noite mais feliz de todo o anno para a tricana de Coimbra.

Chegando Maio florido, esse estranho Maio de Coimbra em que os poentes morrem n'uma agonia lenta, na sombra indecisa e vaga das neblinas do Rio, começa-se a viver em toda a cidade da alegria estouvada d'essa noite de amôr.

A fogueira da Arregaça, de Santa Clara, do Romal, do lar- go D. Luiz, da Feira, da Couraça, fi-

caram celebres, n'estes ultimos quin- ze annos, na tradição popular.

Dança-se desde o sol posto até que amanhece, e aos primeiros clarões da ma- drugada, illuminando essa doce paizagem de no- vella, os diferentes ran- chos põem-se em marcha por essas maravilhosas estradas, cobertas de chou- pos e salgueiros, uns em direcção á fonte do Cas- tanheiro, outros da Se- reia, onde vão beber a agua fresca, que, segun- do reza a lenda, lhes tra- rá saude e amor para todo o anno.

Quantos rapazes, quan- tos, que por lá andaram, ao lembrarem-se d'esse alegre e festivo S. João de Coimbra, hão de sentir os olhos orvalhados de lagrimas na doce evocação de algum beijo furtado, n'uns frescos labios de mul- her, de uma jura de amor eterno que não teve mais do que a curta vida das rosas, mas ficou sempre clara e luminosa no seu espirito, como clara e luma- nosa vive ainda na sua imaginação o doce alvore- cer d'essas gloriosas manhãs em que as canções se misturam no ar lavado, com o aroma das flores, n'uma alegria estonteante, como que um hymno á ter- ra, docemente mystico, docemente religioso.

Coimbra —
S. João, 907.
VICENTE
ARNOSO.



Vicente Arnoso



Antonio Nobre

Antonio Fogaça



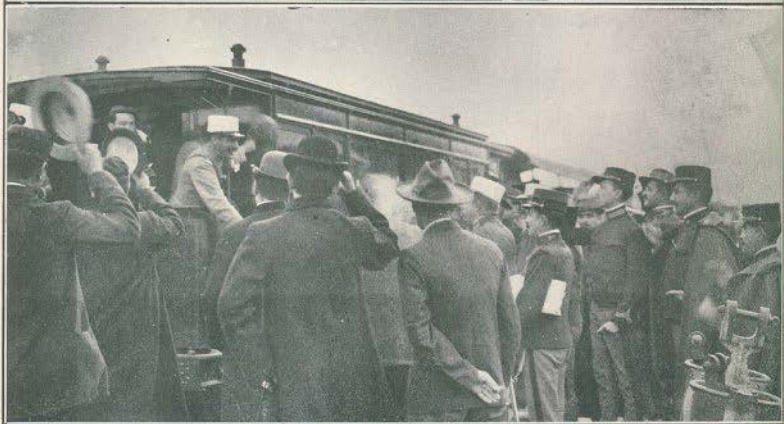
D. Thomaz de Noronha

João de Deus Ramos



VIDA COLONIAL

Columna de operações ao Cuamato (serviços) administrativos



*Alferes Oliveira Tristão, tenente Miry Saraiva, tenente Antonio D. Ferreira (chefe)
— Tenente D. Ferreira e alferes O. Tristão, tomando conta dos generos da columna e assistindo ao seu carregamento
em wagons do caminho de ferro de Mossamedes
— Despedida do capitão sr. Alves Roçadas, na sua retirada para o districto de Huilla*

A NOSSA TERRA



Exposição de rosas no Salão de Inverno no Casino Popular da Figueira da Foz

♣ ♣ A primeira communhão no Sabugal ♣ ♣



Um anjo



Um aspecto da procissão



Outro anjo

Escola=asylo António Feliciano de Castilho



Gustavo Maurity, director secretario



*Conselheiro João Tavares da Silva,
presidente da direcção*



*José Avellar d'Almeida Luiz de Sequeira,
director thesoureiro*



Exposição de mobiliario no Grande Club de Lisboa



Um aspecto da exposição

○ ○ Danças e ranchos populares ○ ○



O rancho das Rosas, da Figueira—O rancho Flor da Mocidade, de Buarcos

Já nos referimos, em um numero precedente, ao famoso rancho das Rosas, um dos mais celebrados da Figueira. Hoje publicamos uma photographia re-

presentando a respectiva orchestra e os pares dançantes, e outra de um rancho não menos famoso de Buarcos.

(CLICHÉS DA PHOTOGRAPHIA A. M. MADURO)



O PERCURSO DO RAID

CASTELLO BRANCO



A idéa do «raid» hippico promovido e organizado pela **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA**, com o concurso dos mais valiosos elementos esportivos, entre os quaes avulta, sem duvida, não só pela sua excepcional competencia como pelo seu apaixonado enthusiasmo o sr. conde de Fomtalva, tem sido recebida com unanime applauso, e de todos os pontos do percurso nos chegam quotidianamente fervorosas adhesões e eloquentes testemunhos de sympathia.

De diversas partes começam a chegar noticias sobre os trabalhos preparatorios da organização dos «stapes», tendo-se formado já commissões locais e planejado festejos brilhantes em honra dos concorrentes.

Entende a **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA** que interessará os seus leitores todas as informações, quer historicas, quer pittorescas, sobre as localidades marcadas para «stapes», e aproveitando este novo pretexto para falar das lindas terras de Portugal, começa hoje pela cidade de Castello Branco, publicando os curiosos dados que nos communica um dos nossos estimados correspondentes.

A cidade de Castello Branco encontra-se certamente uma alta antiguidade, como o attestam a tradição, tanto escripta, como oral; mas seria tarefa demasiada laboriosa para aqui, e ainda de resultados incertos, averiguar a sua origem. Não nos occupamos agora, mesmo, do periodo dos romanos, em que até, segundo a lenda, aproveitada para esta bella e facil etymologia, se teria afogado um consul ou proconsul no rio Ponsul que a banha do lado sul, e contentemo-nos em remontar ao reinado de



Escada no jardim do Paço do Bispo

D. Affonso Henriques, de cujo tempo se encontra um documento escripto que se refere positivamente a Castello Branco, precedentemente Villa Franca da Cardosa.

O municipio da Egítania (hoje Idanha-a-Velha) era, na época da fundação da nossa monarchia, muitissimo vasto, estendendo-se desde a Zarça (Hespanha) até Thomar e de Cêa ao Almoural. O primeiro rei portuguez, que conquistara toda essa grande area territorial, comprehendera, com tudo, que ella de nada lhe serviria se a não povoasse, e

foi n'esse intuito que fez varias doações aos templarios, sob a condição de a defenderem dos inimigos.

A doação do terreno em que se devia levantar mais tarde Castello Branco foi realisada por D. Afonso Henriques em 29 de novembro de 1203; mas factos subsequentes mostram que o fim da doação não foi preenchido, não tendo os templarios chegado sequer a tomar a respectiva posse. Por este motivo D. Sancho I tornou novamente a doar-lhes a preceptoria da Idanha—uma das que pertencia ao municipio egitaniense,—especializando n'ella a Herdade da Açafa. Era então grão-mestre do Templo D. Lopo Fernandes.

A Herdade da Açafa era no termo de Rodam, e a sua doação foi feita em 1198, aos 5 de julho, na villa da Covilhã. No outomno d'esse anno morria, porém, D. Lopo Fernandes no cerco de Ciudad Real, e, por esta causa, ainda os templarios não tomaram conta dos terrenos, dos quaes se apossou Fernando Sanches,—portuguez, fidalgo aventureiro, possuidor de uma boa espada e muito valor, d'esses que faziam guerra por conta propria,—o qual, estabelecendo-se nas ruinas do castro abandonado, deu principio á Villa Franca da Cardosa.

Onze annos depois da ultima doação feita por D. Sancho aos templarios, é que se lembraram os freires de tomar posse dos terrenos da Açafa, que ja então estavam no poder de Fernando Sanches, o que os obrigou naturalmente a entrarem em negociações com elle.



Rua e Arco do Bispo



Altar da capella do Paço do Bispo

Do contracto celebrado fazem menção Alexandre Herculano e Viterbo, do seguinte modo:

«... o que não tem duvida he que Fernando Sanches doou aos templarios, sendo seu mestre em Portugal D. Gomes Ramires, metade da herdade de Villa Franca da Cardosa, com toda a sua povoação, fôros e direitos, e metade das igrejas, que no seu terreno tinha edificado, e edificasse para o futuro, metade de tudo isto em sua vida, e outra metade por sua morte; protestando elle que havendo de tomar estado religioso, tomaria o da ordem do Templo, e que em todo o caso se lhe daria sepultura entre os templarios; e que nem elle, nem seus descendentes admitiriam em algum tempo outros religiosos em Villa Franca da Cardosa.»

E', portanto, evidente que Fernando Sanches foi o fundador da povoação, e foi depois de feita a doação d'ella aos templarios que no tempo do mestre D. Pedro Alvites se lhe deu foral e se lhe impôz o nome de Castello Branco.

Foi tambem depois que os templarios foram senhores unicos de Castello Branco que esta povoação se tornou autonoma e capital de uma preceptoria, factos estes bastantes para attestarem a sua importancia desde o começo. N'ella se celebraram varios capitulos da ordem do Templo, o que decerto compoz a nobreza e a excellencia que a distinguiam.

Considerada desde os tempos primeiros da monarchia lusitana como praça de guer-



Aspecto do jardim do Paço do Bispo

ra inexpugnável, sustentou sempre com nobilíssimos brios a honra da bandeira nacional, e ainda mesmo quando perdida a sua importância guerreira pela descoberta da pólvora sustentou com galhardia a guerra da independência nacional, depois do período dos Filippes.

Citemos agora o que Castello Branco pode oferecer á curiosidade dos visitantes.

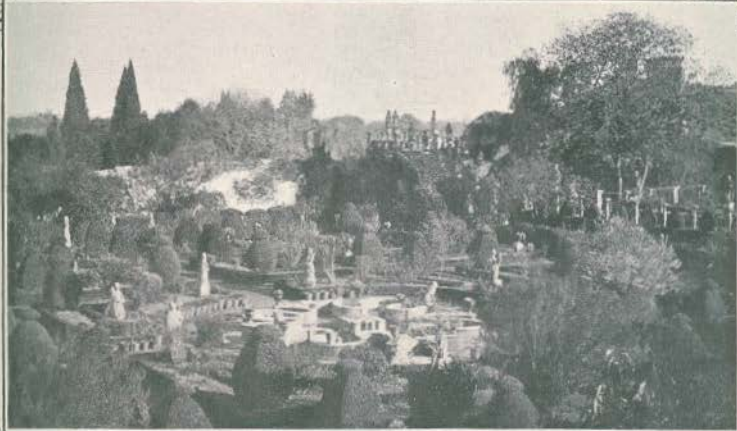
A igreja da Sé (S. Miguel) ficou sendo a matriz em virtude da annexação da freguezia de Santa Maria, ordenada por decreto de 20 de julho de 1849.

O templo é vasto, alto, de uma só nave, com sete altares. Tem de notavel a capella do Santissimo, feita de ricos marmores e muitissimo elegante. A sacristia, do lado sul, é uma das mais amplas do paiz.

Existem ao lado do altar-mór dois nichos, trabalho em pedra, que são um primor, tendo por isso merecido a admiração de suas altezas o principe real e o infante D. Manuel quando o anno passado visitaram Castello Branco. Tanto a capella do Santissimo como a sacristia são obra de D. Vicente, segundo bispo da diocese de Castello Branco.



Outro aspecto do jardim do Paço do Bispo



No fecho do cruzeiro da igreja estão as armas dos Mellos, porque D. Martim de Mello, bispo da Guarda, foi quem mais concorreu no seculo XVII para se reedificar este templo.

O castello, que se descobre ao longe, de muitas leguas, não se sabe ao certo quando foi construido mas deve tel-o sido, muito provavelmente, durante o mestrado de D. Pedro Alvites, quando, como acima dissêmos, os templarios se encontraram unicos

possuidores de toda a Herdade da Açafa. O primeiro cerco de muralhas tinha apenas quatro portas; mas tão rapido foi o incremento da povoação que D. Diniz, quando veiu com sua esposa D. Isabel a Castello Branco, em 1285, achou que a villa estava apertada de muralhas, ordenando o alargamento do perimetro com a construção de outras novas.

Como este ponto é muito elevado, a vista abrange, d'elle, um vasto quadro de mui-



Mais dois aspectos do jardim do Paço do Bispo

tos kilometros, avistando-se em dias claros e serenos Alpedrinha, Penamacôr, Monsanto, Penha Garcia, Idanha, Zibreira, Castello de Vide, Niza, Sarzedas, Malpica, etc.

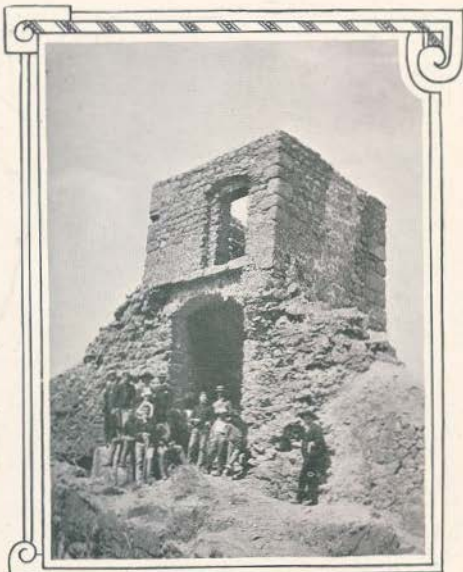
O palacio episcopal, que fica situado ao norte da cidade, é um edificio sumptuoso, e com as diversas propriedades annexas, que lhe pertencem, pode considerar-se a melhor vivenda prelatia do paiz. Foi este magnifico palacio mandado edificar por D. Nuno de Noronha, bispo da Guarda, conforme uma inscriçao que está sobre a entrada do respectivo parque. A quinta e o bosque devem-se a D. Affonso Furtado de Mendonça. D. João de Mendonça, bispo da Guarda, mandou fazer o jardim, obra primorosa, no gosto italiano do seculo XVIII, e que se diz ser em Portugal unico no seu genero.

A vivenda episcopal compõe-se do palacio, que é vastissimo, sumptuoso e muito bem situado, de bellissimo jardim, magnifica horta ajardinada, a que se chama usualmente «quinta,» e matta e bosque.

Um elegante viaducto lançado sobre a antiga rua da Corredoura (hoje de Bartholomeu da Costa) dá passagem do jardim para a quinta.

De tudo quanto compõe esta elegante e sumptuosa vivenda o jardim é o que mais prende a attenção do visitante.

O palacio foi por muitos annos residencia dos governadores civis, e ali esteve tambem Junot quando, em 1807, invadiu Cas-



Torre de menagem no Castello, onde existiu um telegrapho de espelhos



Interior da igreja da Sé

tello Branco commandando o exercito francez.

Além da igreja da Sé, ha a de S. Francisco, que nada encerra de notavel, e a da Graça, a qual possui na capella-mór um magnifico altar de madeira com bella obra de talha e uma valiosa tãla sem assignatura, ao centro. Junto d'esta ultima igreja fica o hospital da Misericordia, fundado em 1514 por el-rei D. Manuel, e que não apresenta tambem nada de notavel.

Não ha, pois, muito para vêr em Castello Branco, diga-se em boa verdade. Um escriptor que se occupou recentemente d'ella chega a dizer:

«Não ha, em Portugal, cidade com aspecto mais aldeão. Talvez a sua posição geographica explique a necessidade de escolher esta povoação para capital da Beira-Baixa.»

Não ha duvida, comtudo, que o jardim do Paço do Bispo, todo ornamentado de imagens de santos e estatuas de reis, com vastas escadarias de granito, e a sua ampla piscina e tanques, merece ser visitado com attenção. Além d'isso a cidade tem arredores bastante pittorescos, que offerecem a paizagem, agreste e rude decerto, mas imponente, das terras beirão, encravadas entre paredes de montanhas, pelas quaes o carvalho local, caracteristico, e o castanheiro sóbem, soberbos, e por onde descem, contorcendo-se, os frescos veios de agua pura e fina, cantante.

(CLICHÉS DOS PHOTOGRAPHOS AMADORES
[MANUEL PESSOA E A. ABRUNHOSA])

Nº PAIZ DE ANGOLA

VIAGEM DE S. A. O PRINCIPE REAL



Indigena de Loanda

ANGOLA é um verdadeiro império pela sua extensão e grandeza. Possui uma superfície quatorze vezes maior que a de Portugal e conta cerca de oito milhões de habitantes. Cortada em todos os sentidos por inumeros rios e erriçada por todos os lados de montanhas e cordilheiras; dividida em florestas, savanas e regiões arenosas e aridas; albergando os maiores carnívoros de prã e os varios outros animais da fauna africana; povoada ainda, além do congolez e do cafre, pelo hottentote selvagem e arisco, que vive em cavernas; desabotoando-se a flux, na parte cultivada, em todas as produções da zona intertropical e consentindo a adaptação de muitas europeas; com as entranhas do solo apoiando de metas preciosos, de ferro e de carvão; tal é a nossa maior colonia, a mais rica de todas apesar das suas crises, um novo Brazil futuro, porventura.

Na zona media da provincia, banhada por variados rios e ribeiros, encontram-se as grandes plantações de borracha, de canna, de café e de algodão, que dão as quatro grandes produções angolenses, constitutivas de valiosas fontes de receita, ainda susceptiveis, contudo, de adquirir muito maior desenvolvimento. Os animais domesticos aclimaram-se todos com grande facilidade, da mesma forma que as arvores fructíferas europeas, principalmente nos districts do interior.

Angola pode dizer-se, pois, que possui riquezas como nenhuma outra das nossas terras ultramarinas, quer as que tão generosamente lhe faculta o seu fertilissimo solo aravel, quer as que se contem nas suas opulentas jazidas mineras. Hoje que o territorio da provincia começa a ser sulcado de linhas ferreas, de uma das quaes, a do Lobito, ainda recentemente demos larga noticia, a prosperidade da provin-

Angola constituiu a seguinte estação da viagem do Principe Real ás nossas colonias. No dia 17 de junho o «Africa» entrou na vasta baía de Loanda, n'um extremo da qual a cidade, capital da provincia, se recosta em amplitudo. O desembarque realizou-se na ponte, por entre manifestações festivas, dirigindo-se Sua Alteza a Sé, onde o bispo de Angola e Congo celebrou um «Te-Deum». Depois da recepção, que se seguiu, no palacio do governo, o senhor D. Luiz Philippe visitou o Museu colonial estabelecido no Observatorio, o seminario-lyceu, a cuja inauguração assistiu, o hospital Maria Pia, bello edificio moderno e installado em excellentes condições hygienicas, e o Centro Militar, onde se realizou uma sessão solemne e baile, á noite. No dia seguinte fez uma excursão ao Alto Dande, para ver a fazenda «Tentativa», e visitou de tarde as fortalezas do Penedo e de S. Miguel e o asylo da infancia D. Pedro V, embarcando á noite para Lourenço Marques.

cia está decerto em vespuras de largos e florescentes progressos.

Actualmente não pôde haver já quem deixe de acreditar: no futuro de Angola. As preocupações que tanto ensombraram os espiritos durante um periodo de amarga provação, nas horas

intensas da crise angustiosa que a provincia experimentou ha ainda poucos annos, principiavam a desvanecer-se como nuvens que o sopro da aragem descondensa, e sacode, até de todo as desfazer.

As ultimas estatísticas do movimento commercial da provincia mostram já que ella entrou em caminho de evidente revivescimento. A sua exportação tem recomença-do a crescer,

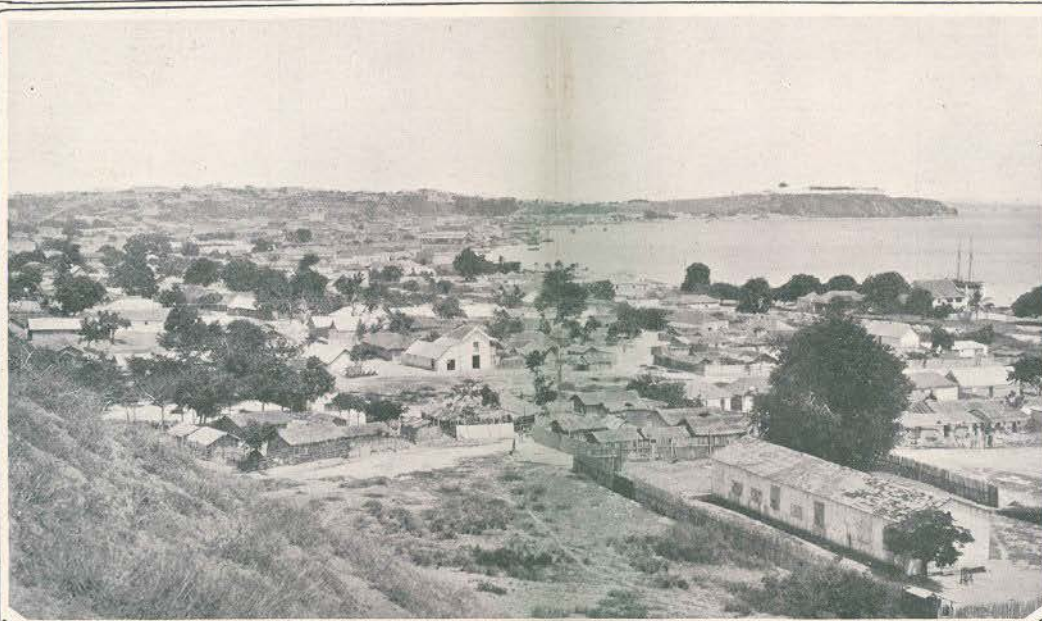


O sr. Paiva Couceiro, governador de Angola



Costume de europêa em Loanda

e só o valor da borracha, que vem actualmente de Angola para a metropole, para ser d'aqui reexportada para os diversos mercados con-



Rapariga indigena de Loanda

gola mais detidamente, e cremos que o seu espirito não deixará então de receber uma lisongeira impressão d'essa visita.



Vista geral de Loanda

♦♦

O embarque do café na ponte de Loanda

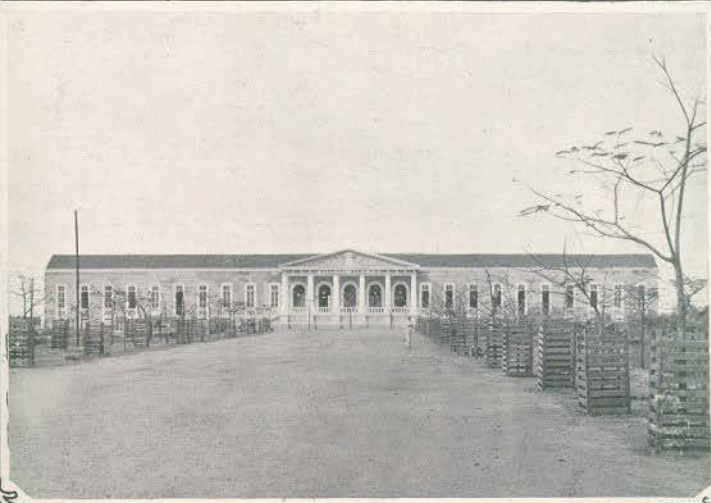
♦♦

Hospital Maria Pia, de Loanda

sumidores, anda por perto de quatro mil contos.

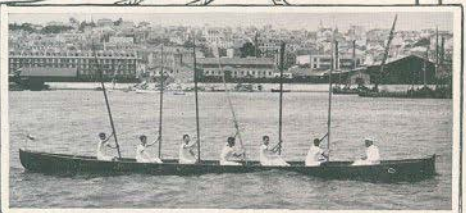
E' evidente, portanto, que o perigo desapareceu e que o novo caminho de ferro de Loanda a Katanga, bem como o prolongamento da linha de Ambo, estão destinados a completar o impulso economico que já se acentua.

O Principe Real visitou agora apenas a cidade de S. Paulo de Loanda e só de passagem. No seu regresso da Africa do Sul é que verá An-



SPORT NAUTICO

UMA FESTA DO REAL CLUB NAVAL



As guigas largando do caes da Viscondessa—A caminho de Algés—O sr. Duarte Holbeche, contra-comodoro do Club Naval—Lançando uma guiga d'agua—A' chegada—Hip! Hip! Hurrah!
—Em continencia ao Skipjack

(CLICHÉS DE RENOLIEL)

MEMÓRIAS DO Chefe Jacob



«... Um sapo empalhado, umas cousas estranhas...»

(CONTINUACO DO N.º 74)

OS PHANTASMAS DO HOSPITAL DE S. JOSÉ
UMA BRUXA QUE NÃO ADIVINHA E UM POLÍCIA
FETICEIRO E UM TENUE FIO DA
MEADA?!

Na manhã seguinte interroguei a creada da morta no hospital. O commissario, a rir com os meus embaraços acompanhou-me, porque os jornaes da manhã narravam um caso extraordinario succedido ali na vespera. Pelas 11 horas da noite juntára-se muita gente em face de S. José, pois desde tempo corria a lenda que fóra do hospital andavam medos. Tinham-se ouvido gemidos e rumores; o povo armara-se para caçar os avejões e isso dera correrias dos municipaes, um tumulto enorme, um panico.

Agora, n'essa manhã, a velha na sua cama olhava-nos cheia de odio, e Ulpio da Veiga com o seu tom mais feroz, que a custo sustentava, dizia:

— Olhe, mulher, isso é a alma da sua ama que aqui anda, pois aqui morreu, e quer fazel-a dizer a verdade!... Fale, ande!

— A mim não me accusa a consciencia — resmungo. — Não fiz mal a ninguem!...

Elle disfarçava o riso e eu ia olhando a velha com a sua touca na cabeça meia calva, a pelle enghada, o ar frio.

— A justiça a castigará!...

Quasi se ergueu no leito e bradou:

— A mim?! Eu não fiz nada, e mesmo quem cá me metteu de cá me ha de tirar!...

Parecia senhora d'uma grande fé no que dizia e eu de chofre perguntei-lhe:

— Ouça lá, mulherzinha, a que casa de mulher de virtude ia a sua ama?!...

O commissario olhou-me espantado; a velha ficou-me terrivel e desesperada:

— Vamos, diga... Onde era?! — insisti, atreiri-

lhe um olhar fundo para a convencer de que realmente sabia que a ama lhe falava n'isso, porém ella encolheu os hombros mirrados e disse:

— Ora... Não sei... Ha para ali muitas bruxas... A senhora não era d'isso...

Mais me arreigava na certeza de que ella mentia.

— Porque?! — disse eu ao velho chefe.

— Pois se a Libania, que não vivia com a sobrinha, sabia d'esses detalhes, como os ignoraria a creada? Oh! mentia...! Se o fazia por alguma cousa era... E eu anciado por saber onde a morta estivera na noite em que a tinham esfaqueado!...

Falei-lhe então de varias bruxas e fingi desviar o olhar; citava-lhe as mais conhecidas, dizendo-lhe sempre:

— Era ali que sua ama ia?!

— Não sei, senhor, não sei d'isso!...

Mas como n'este momento eu falava na rua do Oliveira ao Carmo, vi-a estremecer...

Vagamente, a D. Libania tambem indicara uma mulher para o Bairro Alto ou para o Carmo. Seria a mesma?! Teria uma pista?!



O chefe Jacob disfarçado em serralleiro

O olhar da velha era receoso, a sua voz tremia.

Sahi. A' porta o commissario exclamou:

— Que diabo é isso agora de bruxas!... Você tambem acredita em avejeões como estes cá do hospital?!... Olhe que os taes phantasmas eram apenas um ninho de corujas, que a municipal esbandalhou com os bayonetes, homem!...

E na forma do seu costume pôz-se a rir.

— Mas, diga-me sr. Jacob, já tinha desconfianças?!

— Não... Aquillo era um fio, debil, delgado, uma teia d'aranha que eu podia desfiar ou em que me podia euredar.

Que tinha eu de positivo?! O nome d'uma bruxa que fazia estremeceer ligeiramente uma velha, a vaga indicação d'uma mulher de virtude lá para o Bairro Alto... ou para o Carmo. O boato de que D. Maria da Piedade consultava essas mulheres para captar o marido... Que era isto?! Como podia em assim chegar aos habeis assassinos?!

— Sim, era pouco... E ainda que topasse a feiticeira, como saberia das suas relações com a victima, como chegaria á descoberta do modo e do sitio onde se praticara o crime?!

— Ah! Eram as interrogações que fazia a mim mesmo e apesar de tudo decidi jogar a cartada.

E, com o seu bom sorriso, o chefe Jacob exclamou:

— Vae vêr como d'um simples fio se fabrica uma corda grossa e como um véu de gaze pode illudir um homem!...

O velho chefe de policia continuou a narrar o caso do beco da Barbaleda. Fez toda aquella descripção n'um repente, de olhos lucentes, em gestos largos e eu sentia que o Jacob descobrira com aquella rapidez os vestigios que a outros teriam escapado.

— N'aquella linda manhã de sol — disse elle — vesti-me de ganga e mascarrei a cara e as mãos. Queria passar por serralheiro e consegui-o. Puz-me a galgar as escadinhas do Duque a assobiar e enveredei para a rua d'Oliveira, ao Carmo. Iria saber onde a assassina estivera na noite do crime ou simplesmente voltaria com » convicção que seguiria uma pista errada?!... Os dados eram vagos... Um estremeceimento... Duas phrases... Um enorme bairro, com centenas de casas...

Agora carecia saber a gente com quem devia contar. Ia só; não queria gerar desconfianças na mulher de virtude.

Vi um sapateiro á porta d'uma loja a deitar umas tombas.

— Ora bom dia!... O senhor diz-me onde é aqui a casa da mulher de virtude?!...

Puxou o fio, olhou-me de esguelha e explicou de bom humor depois de me encarar, ao cabo d'uns minutos:

— Ora você, um rapaz, a acreditar n'isso!... Olhe, é alli no 15...

Perguntei-lhe se a mulher vivia sózinha e elle disse-me que não. Estava amancebada com um tal José dos Santos e a irmã d'ella sahira de casa... Indicou-me muito palreiro a morada para onde fora.

— Já ha tempo!...

— No semestre... Viveu alli um par de tempos!...

Como lhe perguntasse pelas clientes e lhe desse



«Na minha frente pespegava-se um mulherão forte de ancas largas...»

os signaes de D. Maria da Piedade, respondeu de repente.

— Isso não dou fé... Mas vae lá muita gente da alta!...

Fui então bater á porta da bruxa, d'essa tão falada Marianna da Conceição.

Na minha frente pespegava-se um mulherão forte, de ancas largas, a cara borbulhenta e com um buço enorme; eu media-a, perguntava a fazer-me acanhado:

— A senhora é a mulher que faz milagres?!...

— Milagres só Deus... Eu cá por mim alguma cousa posso... Mas milagres!...

Tinha uma voz de homem, forte, rija.

Entrei; a casa era um buraco negro e eu fiquei no escuro sem vêr senão vagamente os objectos,

um sapo empalhado, umas cousas estranhas, uma luzinha a alumiar um oratorio velho.

La dizendo que desconfiava de minha mulher — pobre santa, que ella me perdôe — e a bruxa, revoltendo o baralho, dispunha as cartas. O seu vulto largo roubava toda a claridade que vinha do postigo.

Esteve n'aquella tarefa uns momentos; deu uns passos, resmungou um responso e por fim, de mãos nas ilhargas, disse-me:

— Oh! Ha para ahi muito d'isso...

Pedia-lhe para arranjar maneira de não ser enganado, ia a perguntar-lhe como esses casos se davam, que filtro era necessario... para a ter só minha.

Mas de repente a porta abrin-se e entrou outra mulher. Era magrinha, trigueirota, d'ares sacudidos e falava muito mexeriqueira em cousas da vizinhança, em enredos a que a bruxa voltava que eram mentiras.



«Fingi um grande pezar...»

— «Essa mulher tem um homem que a sustenta e outro de quem gosta.»

Fingi um grande pezar; revolvi o chapéu nas mãos, entrei a lamentar-me, a falar d'essa traição sem saber como chegar d'uma fôrma habil ao nome da assassinada.

Ella rogou-gava; eu dizia-lhe que sem duvida conhecia outros casos eguaes, de uns amores assim...

— Oh! mulher tu és amiga da Genoveva do Benfornoso, não és?! Pois ella que te conte como me contou a mim!...

Ergui-me à pressa; atirei-lhe dois tostões, sahi e na rua olhei para o céu, olhei as casas e puz-me a tremer de alegria. Achara um fio.

— Como?!

O meu espanto era grande ao ouvil-o falar assim e o velho chefe respondia:

— Ao escutar o nome que a outra pronunciara, a indicação que dera...

— Ah! Conhecia essa mulher, sabia-a agora das relações da bruxa, ia por ella indagar se com effeito a morta fóra sua cliente?!—perguntei ao chefe de policia.

— Não senhor... Já sabia que o fóra... Já sabia... E não conhecia a tal Geneveva! Agora carecia da sua morada ao certo, de numero da sua porta... Sim que a rua é enorme e eu não havia de andar a procurar todas as Genevevas!...

— O que faria o senhor no meu caso?!—interrogou Jacob na sua costumada forma. — Fiquei embaraçado, e confessei:— Mas se eu nem sequer sei porque viu um indício n'esse simples nome...

— Oh! É um enorme indício!... Agora faltava a morada certa... Não podia ir perguntal-o á feiuceira, não podia perder dias a mandal-a seguir até a vér encarrear-se para casa da Geneveva!... Mas tinha um meio...

— Qual?!
— Pois não vé!... A irmã da bruxa... Não vivera ella ali em casa tanto tempo, não devia conhecer a morada, não sabia eu, pelo sapateiro, onde ella assistia?!... Corri; bati-lhe á porta, apparece-me.

UM FIO QUE ENGROSSA O DESATAR DA MEADA
OS AUCTORES DO CRIME

Não tinha nenhuns ares da irmã. Era uma loura, magrarella e doente. Eu no meu trajo de serralheiro, fingindo pressa, perguntei-lhe:

— O' menina, sabe dizer-me onde mora a sr.^a Geneveva... Aquella que é amiga da sua maná?...

Accrescentei que não ia lá ao Carmo porque tinha de pegar no trabalho d'ahi a pouco.

— A Geneveva?! Ora não sei eu outra cousa! E' na calçada de Agostinho de Carvalho!

Se aquella mulher fósse intelligente, juro-lhe que descobriria na minha cara a alegria que me dava. Sabe que eu não sou nada d'isso, que nunca mostro o que vaé ca' por dentro, porém, d'essa vez...

— E o numero... E o numero?!—interroguei á pressa, continuou o Jacob.

— E' 56...—volveu a mulher.

Ah! Agarrara uma pista, um optimo caminho. O fio, meu amigo, engrossava.



A casa n.^o 56 da calçada de Agostinho de Carvalho

— Como?! Só com essa morada? Se o sr. Jacob não sabia ainda se a bruxa conhecera a victima.

— Ia sabel-o... Vaé vér como...

Estava radiante; ria deante do meu embaraço, esfregava as mãos e accrescentava: Voltei-me para a rapariga e disse-lhe: Mas se lá mora é ha pouco tempo!

— Qual! Desde que a conheço...

— O' minha senhora... Pelo Natal não morava... Pois se eu andei lá dois dias á procura d'ella e ninguem me deu fé...

— Ah! isso morava! tornou ella com arrenganho.

Voltei a contrariar-a, disse-lhe que não era

possivel, e ella então de repente gritou:

— O' senhor, então eu não sei!... Se até lá houve uma ceia á meia noite!...

— A senhora esteve lá... no n.^o 56?! Veja bem? Olhe que eu fartei-me de bater...

Ella então respondeu com a melhor das boas fés: — Não estive eu, mas estive a minha irmã com o José... Até vieram bastante pingados... Ora não sei eu a morada da Geneveva!...

Levei a mão ao peito; costeei-me á hombreira porque parecia que me estalava o coração e porque acabava de ter uma terrivel certeza.

— Qual?!—exclamei ao ouvi-o falar assim.

(Continúa)

ROCHA MARTINS.

VIDA MILITAR



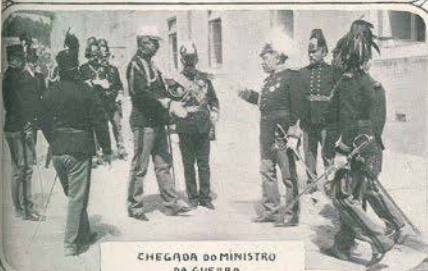
ALUNNOS DA ESCOLA DO EXERCITO



O VETERANO
ANTONIO DA SILVA



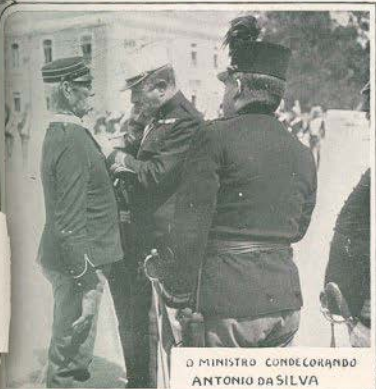
O CORPO DOCENTE
DA ESCOLA



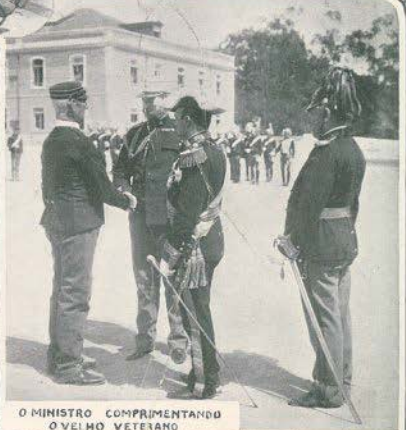
CHEGADA DO MINISTRO
DA GUERRA



DIRIGINDO-SE PARA
A PARADA



O MINISTRO CONDECORANDO
ANTONIO DA SILVA

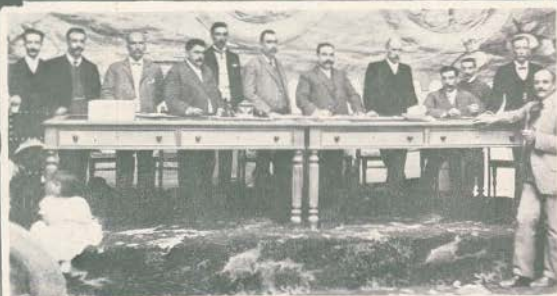


O MINISTRO COMPRIMENTANDO
O VELHO VETERANO

Festa da entrega da medalha de ouro de comportamento exemplar ao veterano Antonio da Silva, na Escola do Exército (CLICHÉS DE BENOLIEL)

CONCURSO DA PRIMAVERA

O SORTEIO DOS PREMIOS



O jury do sorteio, constituído pelos srs. Abílio Nunes dos Santos, presidente, Adriano Telles, Manuel Augusto da Silva Reis Collares e Joaquim Henriques, e o chefe sr. Alexandre Morgado, como representante da aucloridade
 — Um aspecto do publico accumulado dentro da garage — O cylindro de extracção dos premios e as crianças escrituras
 — A parte feminina da assistencia — D. Theresza Pereira Lopes, a quem saiu o 2.º premio
 — Raphael Delgado, a quem saiu o premio de automovel (1.º) (CLICHES DE BENOLIE)

A ARTE EGYPCIA

UMA CONFERENCIA DO SR CONDE DE PENHA GARCIA



Museu do Cairo até ás bellas e vigorosas estatuas da IV e da XII dynastias, passando pelos multiplos exemplares de uma esculptura ingenua espontanea e naturalista, que pertencem em grande parte ao periodo ante-pharaonico, a historia da arte egypcia mostra-nos, com uma variada e abundante documentação, que a esculptura foi uma das suas manifestações mais intensas.

Podem reduzir-se a tres classes as categorias de sentimentos, que originam e inspiram a esculptura entre os egypcios. Em primeiro logar o sentimento religioso e theocratico.

E' a elle que se deve uma parte consideravel de toda a arte egypcia. Foi para louvar e exaltar os deuses que presidiam á cosmogonia e á theologia egypcia que os esculptores do paiz dos Pharaós crearam essas variadas figuras symbolicas e monstruosas, que povoam os templos em todo o valle do Nilo e recortam os seus perfis solennes e hirtos nos baixos relevos, que decoram as muralhas, as columnas e os frizos.

Depois de nos falar da grandeza, da força e do mysterio da sua theodiccia, narra-nos o esculptor egypcio o poder, a gloria, os feitos dos seus soberanos, dos poderosos Pharaós, que eram quasi os eguaes da divindade.

Por isso uma parte da esculptura egypcia é constituída pelas estatuas dos reis e dos deuses e pelas longas filas de baixos relevos em que se desenrola a historia de uns e d'outros, intimamente ligada e combinada.

Não é esta, porém, a mais bella e a mais impressionante esculptura dos egypcios.

Subordinada ás exigencias do tradicionalismo, algemada pelos preceitos do dogmatismo religioso, encerrada nas muralhas inabalaveis do symbolo, a esculptura religiosa e hieratica não attinge senão em raras obras a perfeição plastica e a grandeza de sentimento que deveriam constituir o seu ideal.

O sr. conde de Penha Garcia, que, além de politico, é tambem um artista intelligente e apaixonado, colheu naturalmente, na sua recente viagem ao Egypto, muitas impressões interessantes d'essa arte singular da terra dos Pharaós, que, apesar de velha de seis a sete mil annos, ainda hoje tão fundamentalmente nos impressiona pelo seu admiravel naturalismo. E essas impressões, que tão vivamente se gravaram no seu espirito, communicou-as, em linguagem quente, vibrando ainda da intensa commoção admirativa sentida diante dos templos grandiosos do valle do Nilo, em uma conferencia, que realicou na Sociedade Nacional de Bellas Artes.

E' um trecho d'essa encantadora palestra artistica, a parte que se refere especialmente á esculptura egypcia, que offerecemos, em seguida, como um mimo requintado, aos leitores da «Illustração Portuguesa».



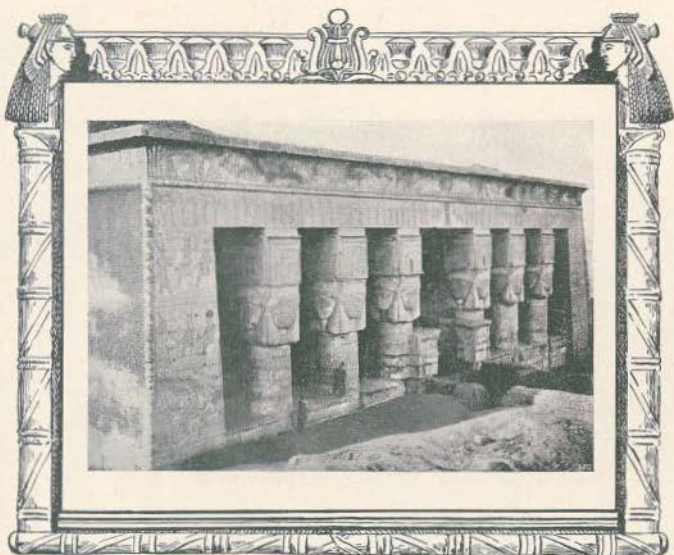
Templo de Isis, em Phylae
— Conde de Penha Garcia

A esculptura entre os egypcios teve uma importancia e um desenvolvimento consideraveis. Desde as estatuetas informes dos tempos prehistoricos, de que ha tão notaveis exemplares no *Ashon leau Museum* e no

muitas das es-
tuas que ornaram
tam os templos
egyptios.

Comtudo, ma-
tas vezes, con-
tive occasião
observar em Ka-
nac e Luxor, ta-
ta integrar es-
estatuas, por
esforço de ima-
nação, no seu q-
dro primitivo, in-
paradas nas fei-
e pesadas linha-
da architectura
que as contin-
collocal-as ti-
sombra das gra-
des columnas
ou dos pesad-
porticos, cercad-
da decoração pa-
lychroma e in-
lhante dos rit-
santuarios, par-
as vêr surgir
um aspecto
verso.

E' que a es-
ptura religiosa
Egypto é por
zes mais do q-
decorativa, che-

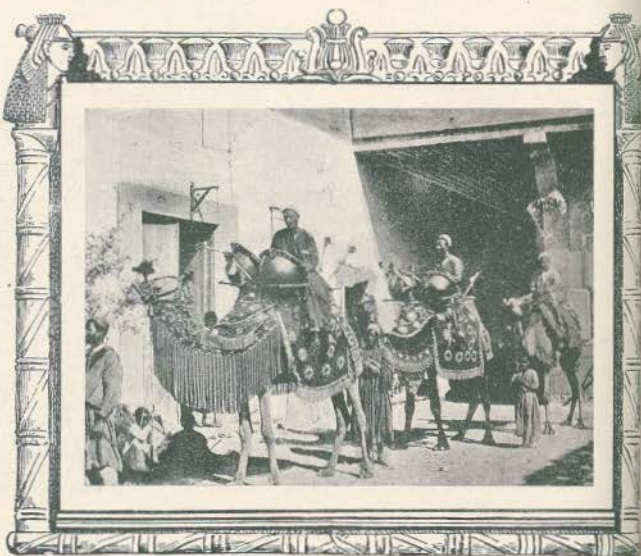


Alto Egypto: Templo de Athor em Denderah

E' certo que o
nosso espirito mo-
derno não deve
nem pode julgar
esta arte sem ter
em conta o seu
ideal e o seu fim,
sem incarnar por
momentos o espí-
rito da epocha em
que ella floresceu.

E então, se con-
siderarmos essas
estatuas e esses
baixos relevos na
sua função prin-
cipalmente de-
corativa, se encar-
mos o conjunto
de impressões que
elles pretendiam
despertar, subor-
dinado apenas á
vibração do espí-
rito religioso, ma-
ior e mais in-
tensa será a nos-
sa admiração pela
arte e pela escul-
ptura egypcia.

Tem-se por
vezes notado a fal-
ta de proporções,
a imperfeição de
acabamento, a ri-
gidez de linhas de



Um cortejo nupcial



O templo de Karnak

um curto e transitório período a que a morte punhatermo abrindo em face do morto as portas da vida futura.

Por isso o culto de Osiris, deus dos mortos e symbolo da resurreição, se estendeu a todo o Egypto, caindo em desuso o de Sokaris em Memphis, e o de Uep-Uat em Siût.

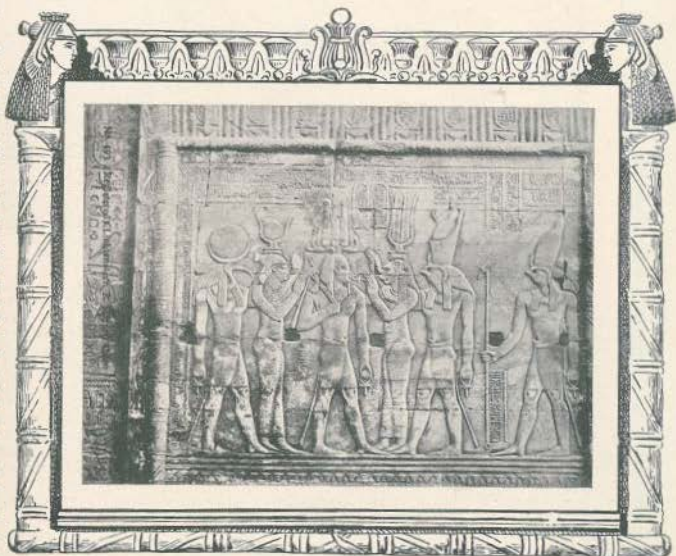
Por isso o santuario de Osiris em Abydos, como o valle de Josaphat dos hebreus, foi o lugar consagrado para a entrada na vida eterna.

A religião dos egypcios é bastante complexa; além da separação entre o corpo e a alma, comprehendendo, tanto para um como para a outra, modalidades diferentes, que at-

a ser scenografica.

O segundo sentimento que inspirou e orientou uma parte da obra estatuaría do Egypto foi a sua theoria sobre a vida e a morte e especialmente a sua psychologia. A escultura que repousa nos hypogeus e nos mastabás, os baixos relevos que ornamentam os vestibulos das *casas eternas*, são dos mais interessantes exemplares da arte egypcia, e d'aquelles que mais e melhor sabem falar ao nosso espirito e ao nosso coração.

Com algumas variantes, consoante as epochas, pode em todo o caso affirmar-se que o antigo egypcio considerava a vida terrena como



Os baixos-relevos do peristyle do templo de Kom Ombo

tenuam e materialisam para assim dizer a formula espiritalista.

E' assim que ao lado do corpo existe uma sorte de espirito protector, ainda corporeo embora muito tenue, que acompanha e protege o homem na vida e é como o seu duplo.

O duplo não morre, nem tão pouco a alma.

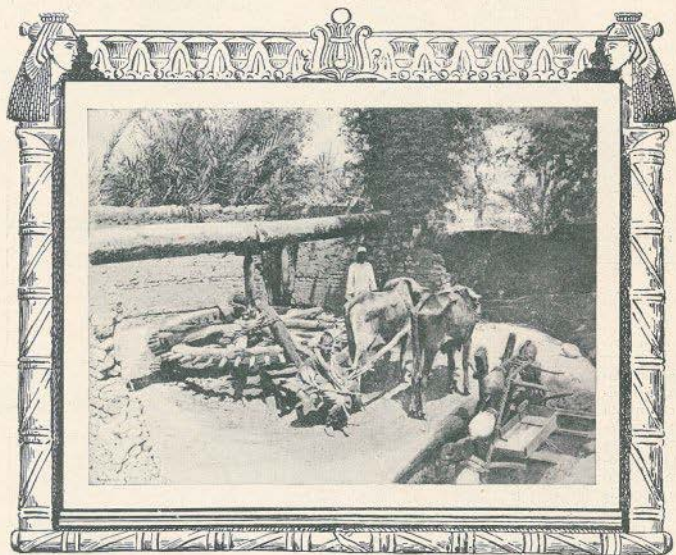
Em seguida á morte o defunto era conduzido por Horus deante do tribunal de Osiris e julgado pelas acções praticadas durante a vida. *O livro dos mortos* contém os quarenta e dois artigos recitados pelo morto, e em que affirmava a sua virtude.

Em uma balança, Anubio, o deus com cabeça de chacal, pesava o coração do morto e o symbolo da

A estes preceitos e estas crenças devemos nós a conservação de innumerous exemplares de uma esculptura ingenua e naturalista, tão preciosa sob o ponto de vista estheticoo como sob o ponto de vista documental.

A gente rica, para assegurar a immortalidade, se-pultava com a sua mumia varias estatuas representando o fallecido, e, para manter a continuidade da sua vida costumada, fazia decorar os muros da mastabá ou do hypogeu com baixos relevos representando as scenas usuas da vida diaria.

Esta parte da obra esculptural dos egypcios é uma das mais perfectas e seguramente a mais ingenua e a mais sentida.



A nora egypcia

lei ou do direito e da verdade, e se o resultado registado por Thot, o deus com cabeça de ibis, lhe era favoravel, o seu direito á vida eterna começava desde então.

A alma e o duplo vinham de novo habitar o antigo involucro corporeo, e a vida ideal na esteira dos deuses começava decorrendo. Por isso o egypcio conservava cuidadosamente o corpo embalsamando-o e sepultando-o em mausoleus, que desafiassem o poder dos seculos.

Mas porque a alma e o duplo podiam continuar a viver com esse corpo uma vida semelhante á vida terrena, depunham-se no tumulo estatuetas e figuras que symbolissem e dêssem corpo a essa nova vida.

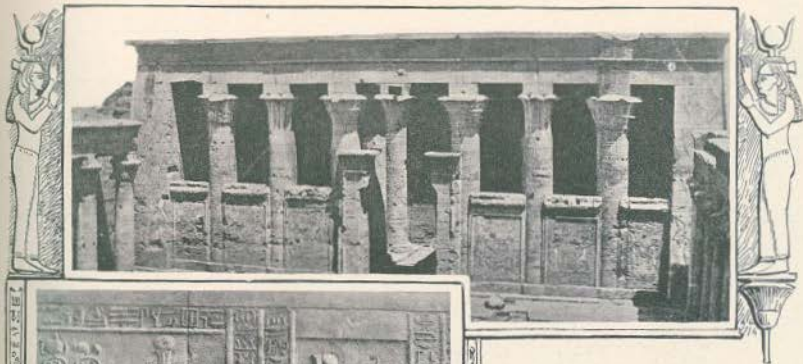
Mais ainda, para que ao duplo e á alma não faltasse nunca o corpo, enterravam-se no tumulo copias fieis do morto, estatuas, retratos, que assegurassem a parte material necessaria para a vida do duplo e da alma.

Algumas d'essas estatuas mortuarias são assombrosas de naturalismo e maravilhosas de execução. A estatua conhecida pelo nome de *Chéque-el-béled* é uma obra que pela intensidade e naturalidade de expressão nada tem que invejar ás das melhores epochas.

As scenas da vida usual representadas nos baixos relevos e até em pequenos grupos de estatuetas são, pela espontaneidade, pela graça ingenua e pelo naturalismo escrupuloso, incomparaveis obras d'arte.

Deante d'ellas e deante das estatuas das mastabás e hypogeus, o nosso sentimento vibra sem necessidade de esforços de imaginação ou de preparações educativas.

O ideal que as insuflou é de natureza universal, a linguagem que ellas falam é a linguagem humana por excellencia, a linguagem do sentimento, e por isso esses artistas, que ha seis ou sete mil annos se esculpiam, sentimol os nossos irmãos. Singular poder da arte que atravez o espaço e o tempo faz vibrar



Interior do templo de Horus em Edfu



Interior do templo de Athor em Edfu

corativo é sempre pujante n'essas obras, algumas das quaes são tambem pequenas maravilhas de execução. Os artigos de *toilette* e adorno são por vezes de uma delicadeza de ornamentação verdadeiramente excepcional.

No seu conjunto as tres classes de obras da escultura egypcia, a que rapida e imperfeitamente nos referimos, constituem uma documentação eloquentissima da aptidão extraordinaria do egypcio para as artes plasticas, e são dos mais valiosos titulos de nobreza da velha arte da escultura.

CONDE DE PENHA GARCIA.



Alto Egypto: As cariatides do Ramesséum

missões, a sete mil annos de distancia, os cerebros e os corações.

O terceiro sentimento, que inspirou a escultura egypcia, foi o espirito decorativo e a arte do adorno.

Manifesta-se elle em uma quantidade immensa de pequenas obras esculpidas em marfim, madeira, marmores, granitos e pedras raras.

O sentimento de-

LÁ POR FÓRA

REVISTA DO 14 DE JULHO

Todos os annos a França commemora a triumphal tomada da Bastilha com festas ruidosas em que todo o francez, por mais afastada que seja a

região em que vive, palpita na mesma febre de enthusiasmo. O 14 de julho é a festa nacional por excellencia; e Longchamps, o vastissimo campo tão



O general Picquart e os addidos militares



Chegada ás tribunas de Longchamps do presidente Falières, com M. Mollard, director do protocollo, e Lépine, prefeito da policia



Grupo das tropas garibaldinas reunidas no pátio Vauban, nos Invalidos
 — A inauguração do monumento a Garibaldi no square Louendhal — Retrato de S. M. El-Rei D. Carlos, por Lázló, um dos pintores retratistas mais notáveis da actualidade

conhecido pelas corridas de cavallos que ali se realisam, é o centro onde convergem todos os que sentem vibrar a alma patriótica, porque é n'essa enorme extensão de terreno que o presidente da Republica passa revista ás tropas. Quem alguma vez tenha assistido a essa festa singular terá para sempre, perante dos olhos, a impressão grandiosa, quasi phan-

tastica do espectáculo, que assume proporções de delirio, quando os regimentos passam deante da tribuna presidencial, inclinando as respectivas bandeiras. Este anno, o programma do 14 de julho teve um numero especial: a inauguração do monumento a Garibaldi, o grande general que levou a effeito a unidade italiana.



Campeonato Internacional de Lawn-Tennis em Inglaterra — A nova pista inglesa para corridas de automoveis
 Final de Ladies-single: Miss Sulton bate Mrs. Chambers — Miss Sulton, a vencedora do campeonato, n'um bach hand
 stroke, que ficou celebre — O celebre recordman Edge (6 de calção) — Experimentando a pista

UNION MARITIME E MANNHEIM

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, rua da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa: LIMA MAYER & C.ª

♦♦ RUA DA PRATA, 59, 1.º — LISBOA ♦♦

Farinha lactea

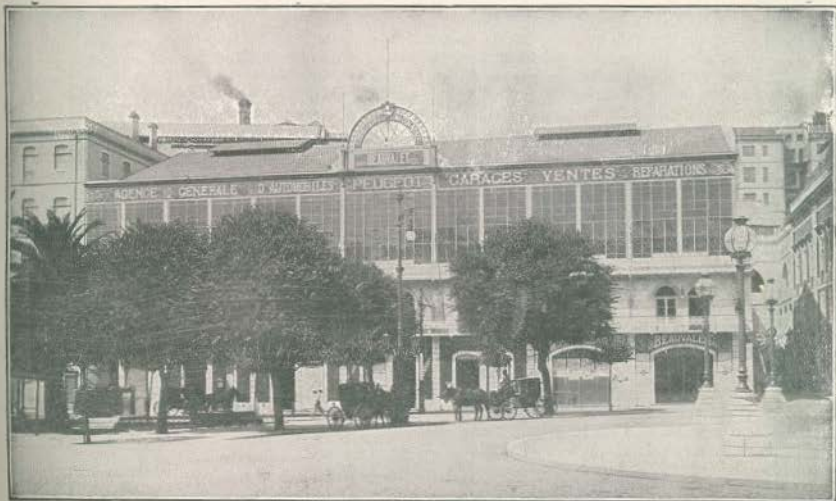
Nestlé

Preço 400 réis

36. medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

A mais importante casa em Portugal de

Automoveis



Albert Beauvalet & C.ª Representante PEUGEOT

A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS

♣ Praça dos Restauradores — LISBOA ♣

Discos Simplex

MARCA REGISTRADA, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO

Nítidez
Duração

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Preços excepcionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas.

Grande deposito de discos e machinas fallantes

PEDIR CATALOGOS A

J. Castello Branco

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82

LISBOA

♣ ♣ ♣ ♣ **SOCIEDADE DE** ♣ ♣ ♣ ♣
SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

••••• Sêde Social: •••••

RIO DE JANEIRO

FILIAL EM PORTUGAL: Largo do Camões, 11, 1.º — LISBOA

◆◆◆◆◆
A Equitativa dos E. U. do Brazil

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusive a aprovação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

DIRECTORIA DA FILIAL

PRESIDENTE: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, *governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.*

VICE-PRESIDENTE: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, *ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.*

DIRECTOR CONSULTOR: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torralgal, *advogado.*

DIRECTOR MEDICO: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

GERENTE: M. A. de Pinho e Silva.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro, unicamente adoptado pela **Equitativa**. Dotações de creanças de 1 aos 15 annos

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apólices, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

COM 1.000\$000 RÉIS

20180, D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto — 20070, Dr. João Maria da Costa, Alpiarça — 20291, Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa — 20899, José João Telhada, Santarem — 20318, D. Maria da Silva Catharino, Alpiarça — 20330, Dr. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz — 20755, José Fernandes Rodrigues, Lisboa — 20851, Abilio de Mattos, Ponte de Lima — 20613, M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa — 21539, José Antonio Rodrigue., Bombarral — 22050, João Garcia Augusto, Estremoz — 20508, José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha — 21956 — (provisorio) Adelino dos Santos Cera e esposa, Cantanhede — 22173, Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas — 21508, Manoel Lopes Varella, Aviz.

Serão attendidos todos os pedidos de TABELLAS DE PREMIOS - PROSPECTOS e outras informações que forem dirigidos á

FILIAL DE

A Equitativa dos E. U. do Brazil

♣ ♣ **LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º — LISBOA** ♣ ♣